

EVOLUÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DO MERCADO FORMAL DE TRABALHO NAS MESORREGIÕES DE SANTA CATARINA ENTRE 2001 E 2018

Lauro Mattei¹
Vicente Loeblein Heinen²

Resumo: Este artigo analisa a distribuição dos vínculos formais de trabalho nas mesorregiões de Santa Catarina entre 2001 e 2018. Para tanto, o estudo se baseia nos dados regionalizados da RAIS, a partir de sua composição por setor de atividade econômica, sexo e nível de remuneração dos trabalhadores. O período analisado foi dividido em duas fases, tendo em vista a ruptura observada em 2015. Na fase até 2014, notou-se uma tendência de melhoria no grau de formalização do emprego, com destaque para o desempenho da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí. Mediante a emergência da crise econômica, a partir de 2015 houve um processo de desestruturação do mercado formal de trabalho em todas as regiões, com resultados negativos especialmente no Vale do Itajaí e na Grande Florianópolis.

Palavras-chave: Economia regional. Mercado de trabalho. Emprego formal.

EVOLUTION OF THE DISTRIBUTION OF FORMAL LABOR MARKET IN SANTA CATARINA'S MESOREGIONS BETWEEN 2001 AND 2018

Abstract: This article analyzes the distribution of formal employment links in the mesoregions of the state of Santa Catarina between 2001 and 2018. For this purpose, the study relies on regionalized data from RAIS, based on its composition by sector of economic activity, sex of the workers and level of remuneration. The analyzed period was divided into two phases, in view of the rupture observed in 2015. In the phase up to 2014, there was a trend of improvement in the degree of formalization of employment, highlighting the good performance of the mesoregions of Grande Florianópolis and Vale do Itajaí. Through the emergence of the economic crisis, in 2015 a process of disruption of the formal labor market started in all regions of the state, with negative results especially in the regions of Sul Catarinense and Grande Florianópolis.

Keywords: Regional economy. Labor Market. Formal employment.

EVOLUCIÓN DE LA DISTRIBUCIÓN DEL MERCADO LABORAL FORMAL EN LAS MESOREGIONES DE SANTA CATARINA ENTRE 2001 Y 2018

Resumen: Este artículo analiza la distribución de los vínculos formales de trabajo en las mesoregiones de Santa Catarina entre 2001 y 2018. Para eso, el estudio se basa en datos regionalizados de la RAIS, a partir de su composición por sector de actividad económica, sexo y nivel de remuneración de los trabajadores. El período analizado se dividió en dos fases, ante la ruptura observada en 2015. En la fase hasta 2014, se observó una tendencia de mejora en el grado de formalización del empleo, con énfasis en el desempeño de Grande Florianópolis y Vale do Itajaí. Con

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Economia e Relações Internacionais, Florianópolis, Brasil, l.mattei@ufsc.br, <https://orcid.org/0000-0002-1270-8052>.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Economia e Relações Internacionais, Florianópolis, Brasil, vicenteheinen@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-1263-429X>.

la crisis económica, a partir de 2015 se ha iniciado un proceso de desestructuración del mercado de trabajo formalizado en todas las regiones, con resultados negativos especialmente en Vale do Itajaí y Grande Florianópolis.

Palabras clave: Economía regional Mercado de trabajo. Empleo formal.

Introdução

O modo de produção capitalista desenvolve-se de forma desigual, combinando antagonicamente distintas regiões, às quais atribui traços particulares ao longo do tempo. Nesse contexto, as fronteiras político-territoriais aparecem como elemento indissociável ao padrão de acumulação, conferindo características determinantes à estrutura produtiva, ao nível de emprego e às relações de trabalho vigentes em cada região.

Santa Catarina responde às mudanças gerais que rearticulam a posição do Brasil na divisão internacional do trabalho, ao mesmo tempo em que seu mercado de trabalho mantém diferenças substanciais em comparação com as demais unidades da federação. O mesmo pode ser pensado em relação às mesorregiões que compõe o território catarinense. Embora o Planalto Serrano e o Vale do Itajaí guardem atributos comuns entre si, há diferenças significativas entre mercados laborais originados da grande ou da pequena propriedade.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar a evolução da distribuição espacial do mercado formal de trabalho em Santa Catarina, tomando como referência o período entre 2001 e 2018. A hipótese que norteia o estudo é que, em função da distribuição heterogênea da base produtiva estadual, a evolução recente do mercado formal de trabalho apresentou comportamentos distintos em cada uma das mesorregiões catarinenses.

Dada a escassez de dados oficiais utilizáveis em análises regionalizadas do mercado de trabalho no Brasil³, a principal fonte empírica deste estudo será a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Sendo assim, é importante reter que a análise restringe-se às formas de trabalho captadas por essa fonte, o que exclui o conjunto de relações informais estabelecidas no mercado de trabalho regional.

Para além desta introdução, o artigo está estruturado em mais três seções. Na primeira delas, são apresentadas breves considerações sobre o desempenho econômico das mesorregiões catarinenses desde o início do século XXI, partindo

³ A fonte mais robusta para análises do mercado de trabalho nacional é a PNAD Contínua, do IBGE. No entanto, essa pesquisa não oferece dados mesorregionais.

das mudanças na distribuição do PIB estadual. A segunda seção analisa a dinâmica do emprego formal em cada mesorregião do estado, com base nas alterações no volume e na distribuição relativa dos vínculos formais de trabalho estaduais por setor de atividade econômica, sexo e nível médio de remuneração dos trabalhadores. Finalmente, a terceira seção traz as considerações finais do estudo.

Breves notas sobre o desempenho econômico recente das mesorregiões catarinenses

Nas últimas décadas, Santa Catarina vem acompanhando de forma bastante regular o desempenho econômico do conjunto do país. No interior do estado, contudo, esse crescimento se distribuiu de forma desigual. Conforme os dados da Tabela 1, entre 2002 e 2014 o PIB catarinense se concentrou principalmente na mesorregião do Vale do Itajaí, que avançou 5,7% pontos percentuais (p.p.) e, em menor medida, na Grande Florianópolis, com ganho de 0,5 p.p. Todas as demais regiões apresentaram perda relativa. A maior foi a do Oeste (-2,7 p.p.), seguida por Norte (-2 p.p.), Serrana (-0,9 p.p.) e Sul (-0,5 p.p.).

Tabela 1 – Distribuição do PIB por mesorregião. Santa Catarina (2002, 2014 e 2018)

	2002	2014	2018	Var. (p.p.)	
				(2002-2014)	(2014-2018)
Grande Florianópolis	14,8	15,3	15,2	0,5	-0,1
Norte Catarinense	23,7	21,7	22,2	-2	0,5
Oeste Catarinense	19,6	16,9	16,8	-2,7	0,0
Serrana	5,6	4,7	4,6	-0,9	-0,1
Sul Catarinense	11,8	11,3	11,1	-0,5	-0,2
Vale do Itajaí	24,5	30,2	30,1	5,7	-0,1

Fonte: SCR (2020); Elaboração própria.

Em grande medida, essas transformações são explicadas pela reconfiguração setorial e espacial derivada do processo de reestruturação produtiva, que atingiu Santa Catarina de forma mais intensa a partir da década de 1990 (MATTEI; LINS, 2010). Dando sequência a esse processo, no início do século XXI, houve um aprofundamento da especialização produtiva e da desindustrialização relativa no estado (CAVALIERI; CARIO; FERNANDES, 2013). Com efeito, o padrão de crescimento da economia estadual entre 2004 e 2014 sustentou-se especialmente nos serviços (particularmente transporte e armazenagem), no comércio e na construção civil, em detrimento da indústria de transformação e da agropecuária.

Assim, é possível compreender melhor a perda relativa observada no Sul e, principalmente, no Norte, onde se localiza o maior polo industrial do estado. Já no Oeste e na região Serrana, a queda pode estar relacionada à perda relativa da agropecuária na produção estadual. No sentido oposto, o bom desempenho do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis se deve à forte expressão do comércio, dos serviços e da construção civil, puxado pela concentração do capital nas áreas litorâneas. Particularmente no caso do Vale do Itajaí, o crescimento dos fluxos de comércio externo, vinculados ao complexo portuário e logístico de Itajaí/Navegantes, também foi determinante.

A crise econômica deflagrada em 2014 provocou uma nova mudança na distribuição interna do PIB catarinense. O Norte foi a mesorregião mais afetada entre 2015 e 2016, todavia recuperou-se melhor que as demais nos dois anos seguintes, acumulando crescimento de 0,5 p.p. entre 2014 e 2018. No mesmo período, o Oeste logrou manter sua participação na produção estadual, entretanto todas as demais regiões permaneceram praticamente estagnadas. Com efeito, houve decréscimo relativo de 0,1 p.p. na Grande Florianópolis, na Serrana e no Vale do Itajaí, além da perda de 0,2 p.p. no Sul.

Distribuição dos vínculos formais de trabalho por mesorregião entre 2001 e 2017

O Brasil passou por um período de grande expansão dos índices de formalização do emprego entre 2004 e 2014 (BALTAR, 2014). Aproveitando-se desse contexto, Santa Catarina foi um dos estados onde o emprego formal mais cresceu, atingindo taxas substancialmente superiores ao incremento da força de trabalho. Com isso, o estoque de vínculos formais de trabalho (VFT) do estado elevou-se continuamente até 2014, quando atingiu o maior patamar da série, próximo a 2,3 milhões (Tabela 2).

Essa trajetória foi revertida com a emergência da crise econômica. No Brasil, assim como em Santa Catarina, 2015 e 2016 foram anos de intenso crescimento do desemprego, puxado pela queda das ocupações formais (MATTEI; HEINEN, 2018). Apenas nesses dois anos foram fechados 106 mil VFT no estado, fazendo com que o emprego formal caísse a um ritmo mais acelerado, comparativamente ao restante do país. Em 2017 teve início a recuperação do número absoluto de VFT, todavia o

patamar atingido em 2018 (2.254.918) é ainda inferior ao registrado no período anterior à crise, em 2014.

Tabela 2 – Evolução do estoque de VFT. Santa Catarina e Brasil (2001-2018)

	<i>Santa Catarina</i>	<i>Brasil</i>	<i>SC/BR (%)</i>
2001	1.155.712	27.189.614	4,25
2002	1.235.612	28.683.913	4,31
2003	1.292.407	29.544.927	4,37
2004	1.406.247	31.407.576	4,48
2005	1.486.969	33.238.617	4,47
2006	1.598.454	35.155.249	4,55
2007	1.697.800	37.607.430	4,51
2008	1.777.604	39.441.566	4,51
2009	1.838.334	41.207.546	4,46
2010	1.969.654	44.068.355	4,47
2011	2.061.577	46.310.631	4,45
2012	2.103.002	47.458.712	4,43
2013	2.210.927	48.948.433	4,52
2014	2.273.933	49.571.510	4,59
2015	2.214.292	48.060.807	4,61
2016	2.167.923	46.060.198	4,71
2017	2.205.738	46.281.590	4,77
2018	2.254.918	46.631.115	4,84
Taxa a.a. (%)	4,07	3,55	-

Fonte: Rais (2019); Elaboração própria.

Tendo em vista o ponto de inflexão registrado em 2014, as análises subsequentes serão divididas em dois períodos: a) 2001 a 2014; e b) 2014 a 2018. Esses períodos apresentam tendências muito distintas para a evolução do emprego formal em Santa Catarina. Dando a tônica do que ocorreu a nível mesorregional, o número total de vínculos no estado cresceu 5,3% ao ano no primeiro período, mas caiu 0,2% ao ano no segundo período (Tabela 3).

As mesorregiões com maior crescimento no primeiro período foram o Vale do Itajaí e a Grande Florianópolis, ambas à taxa de 5,7% ao ano. No primeiro caso, os principais municípios dinamizadores foram os litorâneos, particularmente Itajaí, Navegantes, Itapema e Balneário Camboriú, que compensaram a desaceleração observada em Blumenau e Brusque. Já no caso da Grande Florianópolis, foram decisivos os desempenhos das áreas conurbadas à capital⁴, com destaque para São José e Palhoça, que registraram os maiores crescimentos relativos do estado.

⁴ Embora Florianópolis tenha registrado taxas de crescimento positivas e certamente atue como polo de atração da mão-de-obra, a parcela dos VFT regionais localizados na capital caiu aproximadamente 11 p.p. no período.

Tabela 3 – Distribuição dos VFT por mesorregião. Santa Catarina (2001, 2014 e 2018)

	2001		2014		2018		Taxa a. a. (%)		Var. part. (p.p.)	
	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	(2001-14)	(2014-18)	(2001-14)	(2014-18)
<i>Oeste Catarinense</i>	189.890	16,4	379.546	16,7	381.461	16,9	5,2	0,1	0,3	0,2
<i>Norte Catarinense</i>	230.314	19,9	433.857	19,1	434.261	19,3	4,9	0	-0,8	0,2
<i>Serrana</i>	59.222	5,1	100.355	4,4	98.928	4,4	3,7	-0,4	-0,7	0,0
<i>Vale do Itajaí</i>	288.482	25	585.113	25,7	584.728	25,9	5,7	0	0,8	0,2
<i>Grande Florianópolis</i>	241.749	20,9	495.392	21,8	482.650	21,4	5,7	-0,6	0,9	-0,4
<i>Sul Catarinense</i>	146.055	12,6	279.670	12,3	272.890	12,1	5,3	-0,6	-0,3	-0,2
Total	1.155.712	100	2.273.933	100	2.254.918	100	5,3	-0,2	-	-

Fonte: Rais (2019); Elaboração dos autores.

Tanto o Sul quanto o Oeste acompanharam o crescimento médio do estado entre 2001 e 2014, registrando variações anuais de 5,3% e 5,2%, respectivamente. No Sul, vale destacar a perda da importância relativa de Criciúma e Tubarão, em favor de municípios menores. No Oeste, chama a atenção o intenso crescimento de Chapecó, que passou a concentrar 21% dos empregos formais da região.

O período ainda foi marcado por um crescimento abaixo da média estadual no Norte (4,9% ao ano) e na região Serrana (3,7%). O Norte contou com bom desempenho dos municípios de Joinville, Araquari e Guaramirim, mas com desaceleração no Planalto Norte e em Jaraguá do Sul. Na região Serrana, cabe destaque positivo para os municípios de Campos Novos, Lages e Otacílio Costa e negativo para Correia Pinto e Curitibanos.

Em termos relativos, observamos uma clara correlação entre o crescimento do emprego formal e do PIB das mesorregiões entre 2001 e 2014. Em compasso com a evolução da distribuição do PIB estadual, os VFT de Santa Catarina se concentraram principalmente na Grande Florianópolis (0,87 p.p.) e no Vale do Itajaí (0,77 p.p.), em detrimento do Norte (-0,85 p.p.), da Serrana (-0,71 p.p.) e do Sul (-0,34 p.p.). A exceção foi o Oeste, que apesar de ter perdido participação no PIB estadual, apresentou uma leve ampliação da sua parcela dos VFT estaduais no período (0,26 p.p.).

Essas tendências se alteraram com a incidência da crise econômica, que deu início a um período de intensas flutuações no emprego formal no interior do estado. Embora todas as mesorregiões tenham apresentado intensas quedas no emprego formal no biênio 2015-2016, elas apresentaram comportamentos bastante distintos no tocante à recuperação dessas vagas.

Pouco afetado pela crise, o Oeste foi a região que menos fechou VFT entre 2015 e 2016, além de ter sustentado algum crescimento nos dois anos seguintes. Com isso, foi também a região que mais cresceu entre 2014 e 2018, ainda que a módicos 0,1% ao ano. Esse crescimento foi puxado por diversos municípios menores, como Seara e Itapiranga, e ocorreu a despeito dos grandes fechamentos de vagas observados em Chapecó, Concórdia, Joaçaba e Fraiburgo.

Além do Oeste, o Norte foi a única mesorregião que logrou retomar o estoque de empregos formais auferido antes da crise. Sua taxa de crescimento praticamente nula entre 2014 e 2018 deriva do fato de ter recuperado em 2017, e principalmente em 2018, os cerca de 32 mil VFT fechados em 2015 e 2016. A queda concentrou-se em Jaraguá do Sul, São Bento do Sul e Joinville, sendo este último município também decisivo à retomada que se seguiu. Situação semelhante ocorreu no Vale do Itajaí, cujo crescimento também foi praticamente nulo. Nesse caso, a crise foi mais severa em Blumenau, Itajaí, Navegantes e Brusque, em contraste com Itapema, Balneário Camboriú e Gaspar, que continuaram criando VFT no período.

Já no Sul e na Grande Florianópolis, houve queda de 0,6% ao ano entre 2014 e 2018. A região da capital foi a que mais demorou para esboçar uma recuperação do emprego formal, a qual ocorreu apenas em 2018. Esse desempenho deve-se principalmente aos resultados de São José e Florianópolis, que foram os dois municípios que mais encerraram VFT (aproximadamente 9 mil cada) em todo o estado no período.

Por fim, a região Serrana também apresentou taxa de crescimento negativa (-0,4% ao ano) no segundo período, perdendo cerca de 7 mil VFT. Esse desempenho adverso dispersou-se por toda a mesorregião, que seguiu sem apresentar sinais consistentes de retomada até 2018.

Relacionando esses resultados com o desempenho econômico regional, notamos que as mesorregiões Norte e Oeste se recuperaram de forma mais consistente, o que se refletiu na ampliação de 0,2 p.p. da parcela dos VFT concentrada por cada um deles entre 2014 e 2018⁵. A mesma expansão relativa foi registrada no Vale do Itajaí, o que pode estar relacionado não tanto ao desempenho econômico, mas à intensidade dos fluxos migratórios que a região tem recebido.

⁵ Apesar do saldo semelhante, a recuperação das duas regiões se deu em intensidades muito distintas. O Oeste sofreu menos com a crise, ganhando 0,3 p.p. em participação entre 2015 e 2017. Já o Norte caiu 0,5 p.p. no agregado em 2015 e 2016, mas retomou essa parcela em 2017 e, principalmente, em 2018.

Sendo a região que mais perdeu participação no PIB no pós-crise, a parcela do emprego formal localizada no Sul caiu 0,2 p.p. entre 2014 e 2018. A situação mais dramática, todavia, é a da Grande Florianópolis, onde a lenta recuperação econômica não tem sido suficiente para recuperar os empregos formais perdidos. Com isso, a participação da região no total de VFT do estado já diminuiu 0,4 p.p. em apenas quatro anos. A região Serrana, por fim, manteve sua fatia no total de VFT do estado praticamente inalterada no período.

Setor de atividade econômica

Tendo em vista essa relação entre nível de produção e geração de empregos, cabe analisar a distribuição do emprego formal por setor de atividade econômica em cada mesorregião, conforme os dados apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos VFT por mesorregião e setor de atividade econômica. Santa Catarina (2001, 2014 e 2018)

			Extração mineral	Indústria de transf.	SIUP	Construção Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pública	Agropecuária, extr. vegetal, caça e pesca	Total
Oeste Catarinense	2001	Abs.	242	70.405	1.825	8.747	33.583	42.406	19.375	13.307	189.890
		Rel.(%)	0,1	37,1	1,0	4,6	17,7	22,3	10,2	7,0	100
	2014	Abs.	502	127.842	3.609	17.471	75.258	98.254	38.486	18.124	379.546
		Rel.(%)	0,1	33,7	1,0	4,6	19,8	25,9	10,1	4,8	100
	2018	Abs.	380	133.591	3.448	14.308	74.134	102.670	36.590	16.340	381.461
		Rel.(%)	0,1	35,0	0,9	3,8	19,4	26,9	9,6	4,3	100
Taxa a.a. (%)	(2001-2014)	6,8	4,1	4,6	8,1	6,3	6,8	4,4	1,6	5,2	
	(2014-2018)	-7,9	1,1	-1,6	-5,2	-0,3	0,8	-0,9	-2,5	0,1	
Norte Catarinense	2001	Abs.	360	109.328	1.471	5.423	34.163	59.359	16.819	3.391	230.314
		Rel.(%)	0,2	47,5	0,6	2,4	14,8	25,8	7,3	1,5	100
	2014	Abs.	1.042	177.972	3.492	14.090	79.190	118.742	32.822	6.507	433.857
		Rel.(%)	0,2	41,0	0,8	3,2	18,3	27,4	7,6	1,5	100
	2018	Abs.	1.043	170.257	3.413	11.795	79.036	131.060	32.949	4.708	434.261
		Rel.(%)	0,2	39,2	0,8	2,7	18,2	30,2	7,6	1,1	100
Taxa a.a. (%)	(2001-2014)	8,9	3,8	7,1	9,7	6,6	5	5,2	4,6	4,9	
	(2014-2018)	1,9	-1	-1,3	-4,4	0	2,1	-0,1	-9	-0,1	
Serrana	2001	Abs.	68	16.111	656	2.274	9.932	14.484	8.119	7.578	59.222
		Rel.(%)	0,1	27,2	1,1	3,8	16,8	24,5	13,7	12,8	100
	2014	Abs.	140	24.049	711	4.166	22.388	24.652	14.570	9.679	100.355
		Rel.(%)	0,1	24,0	0,7	4,2	22,3	24,6	14,5	9,6	100
	2018	Abs.	155	24.013	758	2.573	21.218	25.764	14.375	10.072	98.928
		Rel.(%)	0,2	24,3	0,8	2,6	21,4	26,0	14,5	10,2	100
Taxa a.a. (%)	(2001-2014)	5,9	2,7	0,1	5,6	6,1	3,5	4,5	1,2	3,7	
	(2014-2018)	2,3	-0,7	1,3	-13,2	-1,3	1,2	-0,3	1,8	-0,4	
Vale do Itajaí	2001	Abs.	781	122.370	2.323	7.958	54.445	73.927	22.536	4.142	288.482
		Rel.(%)	0,3	42,4	0,8	2,8	18,9	25,6	7,8	1,4	100
	2014	Abs.	1.277	215.146	3.533	29.241	125.110	160.259	45.195	5.352	585.113
		Rel.(%)	0,2	36,8	0,6	5,0	21,4	27,4	7,7	0,9	100
	2018	Abs.	981	197.541	3.827	23.872	124.818	179.322	49.277	5.090	584.728
		Rel.(%)	0,2	33,8	0,7	4,1	21,3	30,7	8,4	0,9	100
Taxa a.a. (%)	(2001-2014)	4,2	4,7	3,2	12,2	6,7	6,2	4,8	1,3	5,7	
	(2014-2018)	-7,1	-1,8	2,2	-5,5	0	2,6	2,1	-1	0	
Grande Florianópolis	2001	Abs.	437	20.906	4.806	10.655	37.731	81.490	82.802	2.922	241.749
		Rel.(%)	0,2	8,6	2,0	4,4	15,6	33,7	34,3	1,2	100
	2014	Abs.	634	44.809	6.108	27.337	88.306	220.412	105.109	2.677	495.392
		Rel.(%)	0,1	9,0	1,2	5,5	17,8	44,5	21,2	0,5	100
2018	Abs.	540	44.889	6.307	20.253	89.871	216.081	103.490	1.219	482.650	

		<i>Rel.(%)</i>	0,1	9,3	1,3	4,2	18,6	44,8	21,4	0,3	100
Taxa a.a. (%)		<i>(2001-2014)</i>	3,8	6,2	3,3	-7,084	6,9	8	1,4	-2,4	5,7
		<i>(2014-2018)</i>	-7,8	0,5	0,6	-7,8	0,4	-0,7	0,4	-24,1	-0,6
Sul Catarinense	2001	<i>Abs.</i>	3.487	51.210	2.371	6.779	27.985	34.884	16.527	2.812	146.055
		<i>Rel.(%)</i>	2,4	35,1	1,6	4,6	19,2	23,9	11,3	1,9	100
	2014	<i>Abs.</i>	4.901	94.491	2.671	13.026	65.187	71.866	24.995	2.533	279.670
		<i>Rel.(%)</i>	1,8	33,8	1,0	4,7	23,3	25,7	8,9	0,9	100
	2018	<i>Abs.</i>	3.706	87.334	3.389	10.129	64.723	76.241	25.065	2.303	272.890
		<i>Rel.(%)</i>	1,4	32,0	1,2	3,7	23,7	27,9	9,2	0,8	100
Taxa a.a. (%)		<i>(2001-2014)</i>	2,6	4,9	0,5	5,8	6,6	5,9	4,2	-2,4	5,3
		<i>(2014-2018)</i>	-6,3	-2	4,9	-6,9	-0,1	1,4	-0,1	-2,8	-0,6

Fonte: Rais (2019); Elaboração própria.

Indústria de Transformação

Iniciaremos pela indústria de transformação, setor que ainda concentra a maior parte do emprego formal catarinense⁶. Os principais polos industriais do estado localizam-se no Norte, que possui forte inserção nacional e internacional via complexo eletro-metal-mecânico, além de ter se estruturado historicamente em torno das indústrias moveleira e têxtil; e no Vale do Itajaí, particularmente pela importância de sua indústria têxtil. Esse ramo também é bastante expressivo no Sul, ao lado das indústrias cerâmica e de plásticos. O Oeste, por sua vez, sedia grandes complexos agroindustriais, especialmente de carnes e grãos. A indústria tem menor peso nas regiões Serrana e Grande Florianópolis. Na primeira delas, vale destacar a presença de grandes empresas de papel e celulose, além da indústria madeireira. Na segunda, os segmentos de cerâmica e informática.

Com exceção da Grande Florianópolis, as indústrias de transformação de todas as mesorregiões apresentaram crescimento abaixo da média geral do estado entre 2001 e 2014. Com isso, verificou-se perdas de participação do setor no estoque de VFT dessas regiões, sendo que a maior perda relativa acumulada no período foi registrada no Norte (-6,4 p.p.), seguida por Vale do Itajaí (-5,6 p.p.), Oeste (-3,4 p.p.), Serrana (-3,2 p.p.) e Sul (-1,3 p.p.). Somente na Grande Florianópolis essa proporção teve alta (0,4 p.p.). As explicações para essas mudanças devem ser buscadas na dinâmica particular do setor em cada mesorregião.

A participação do setor nos VFT do Norte caiu de 47,5% em 2001, para 41% em 2014. A principal causa de sua baixa taxa de crescimento (3,8% ao ano) no período foi a crise do segmento moveleiro. No início da série, a indústria de madeira

⁶ Em 2018, os empregados com carteira de trabalho assinada ainda representavam aproximadamente 80% das ocupações do setor (PNADC/T, 2020).

e mobiliário representava de 10% de todos os VFT da região. A queda da demanda externa, em particular, levou ao fechamento de uma série de fábricas no Planalto Norte nos últimos anos da década de 2000. Com isso, a participação desse segmento no agregado regional caiu pela metade, acumulando um déficit de mais de 3 mil empregos formais até 2014. Além disso, o Norte também sofreu com a continuidade da desconcentração da indústria têxtil, que apresenta tendência de desaceleração desde o início do processo de reestruturação produtiva na década de 1990. O destaque positivo ficou por conta da fabricação de produtos em borracha e plástico, além da indústria elétrica.

A desestruturação do emprego na indústria têxtil também foi crucial para a perda de dinamismo do setor manufatureiro no Vale do Itajaí. Nessa região, a desaceleração do ramo têxtil/vestuário foi parcialmente compensada pelos segmentos eletro-metal-mecânico, de alimentos e bebidas e de material de transporte, que apresentaram crescimento importante no período. Dessa forma, a variação anual na indústria de transformação da região foi de 4,7% entre 2001 e 2014, ano em que o setor concentrou 36,8% de seus VFT.

Apesar de ter caído em termos relativos, a indústria de transformação do Oeste apresentou crescimento de 4,1% ao ano até 2014. A região contou com um bom desempenho da indústria mecânica, porém com queda relativa no segmento madeireiro. Em 2014 o setor industrial detinha 33,7% dos VFT da região, sendo que quase a metade desses permaneceram concentrados na indústria de alimentos, que teve um desempenho pouco abaixo da média regional entre 2001 e 2014.

O segmento madeireiro foi decisivo para comprimir a taxa de crescimento dos VFT industriais da região Serrana para 2,7% ao ano entre 2001 e 2014. Nesse período, a queda do emprego formal na indústria de madeira deu-se inclusive em termos absolutos, com o fechamento de quase mil VFT. A situação não foi muito diferente nos segmentos de papel e celulose, que abriram pouquíssimas vagas. O cenário só não foi pior em função do surgimento de algumas agroindústrias de alimentos na região. Com isso, a participação da indústria de transformação nos VFT serranos caiu para 24%, em 2014.

A indústria de transformação do Sul cresceu 4,9% ao ano entre 2001 e 2014, sendo que a maior parte dos novos empregos criados se localizaram na fabricação de alimentos e bebidas. A região também contou com um crescimento importante da indústria metal-mecânica e de material de transporte. No entanto, houve uma

expressiva retração do emprego nos ramos de molduras (microrregião de Tubarão) e de calçados (microrregião de Araranguá).

A Grande Florianópolis é a mesorregião onde a indústria é menos expressiva. Mesmo com crescimento de 6,2% ao ano no período, o setor chegou a abranger apenas 9% do total dos VFT em 2014. Esse crescimento foi bem distribuído entre os subsetores presentes na região, com leve predominância nas indústrias de calçado (São João Batista) e de alimentos e bebidas (microrregião de Florianópolis). Em grande medida, o ganho de participação da região a nível estadual foi possibilitado pela baixa expressão dos segmentos mais afetados pelo processo de desindustrialização relativa.

Já no período posterior ao início da crise econômica (2014-2018), os maiores impactos foram sentidos na indústria de transformação do Sul e do Vale do Itajaí. As taxas de crescimento registradas nessas mesorregiões foram de -2% e -1,8% ao ano, respectivamente. Mais próximos da média estadual, o Norte (-1% ao ano) e a Serrana (-0,7% ao ano) também apresentaram decréscimo. Taxas positivas foram registradas na Grande Florianópolis (0,5% ao ano) e, principalmente, no Oeste (1,1% ao ano).

As informações de 2018 revelaram que a indústria do Sul ainda não havia voltado a apresentar retomada do emprego formal. Entre 2014 e 2018 o setor acumulou um déficit de 7,1 mil VFT, derivados principalmente das indústrias têxtil-vestuário (-2,4 mil), cerâmica (-2,1 mil) e mecânica (-1,6 mil). Os segmentos de plástico, calçados e molduras também seguiram em baixa. O único segmento manufatureiro que apresentou ampliação de empregos consistente na região foi o de alimentos e bebidas. Com esses resultados, a expressão da indústria de transformação no Sul caiu para 32% dos VFT em 2018.

Outra região onde o setor seguiu estagnado em termos de geração de empregos formais até 2018 foi a do Vale do Itajaí. Entre 2014 e 2018 foram fechados 17,6 mil VFT, sendo 6,7 mil na indústria têxtil; 5,4 mil na metal-mecânica; e 4,4 mil na de material de transporte. Com isso, o setor caiu 3 p.p. no agregado dos VFT da região em apenas quatro anos.

A indústria de transformação do Norte apresentou comportamento semelhante ao do Vale do Itajaí, face aos impactos da crise econômica durante seu período de maior incidência. Somente em 2015 e 2016 foram fechados cerca de 22 mil VFT, distribuídos principalmente nas indústrias metal-mecânica (-7,9 mil); química (-4,4 mil); e têxtil (-4,2 mil). A diferença está no ritmo de recuperação da

região. O cenário de salários reduzidos e a presença de estímulos da demanda externa permitiram a recuperação dos segmentos mais dinâmicos do Norte, especialmente em 2017 e 2018, quando 14,5 mil VFT industriais foram recuperados. O desempenho nesses dois anos foi puxado sobremaneira pelos saldos da indústria metalúrgica (4,7 mil); elétrica e de comunicação (3,7 mil); e química (2,5 mil). Mesmo assim, a indústria de transformação perdeu espaço relativo na região, passando a deter 39,2% de seus VFT em 2018.

A região Serrana apresentou queda generalizada de seus empregos industriais nos primeiros anos da crise. Apenas a retomada recente de empregos nas indústrias madeireira e de alimentos amenizou a queda acumulada entre 2014 e 2018. Com isso, a participação do setor na região permaneceu em 24,3% dos VFT no último ano da série.

Na Grande Florianópolis, o emprego formal da indústria de transformação variou pouco nos últimos anos, mantendo-se em 9,3% do total em 2018. Em seus subsetores, o destaque positivo foi a indústria de alimentos e bebidas (Microrregião de Florianópolis), enquanto o negativo foi a indústria cerâmica (Tijucas).

Ao contrário do que ocorreu nas demais regiões, no Oeste a indústria de transformações seguiu criando VFT após 2014. Esse desempenho se explica basicamente pelos complexos agroindustriais instalados na região. Com contribuição importante da demanda externa, que estimulou especialmente a produção de carnes, a indústria de alimentos gerou 6,2 mil VFT na região entre 2014 e 2018. Apesar de quase todos os empregos industriais terem sido gerados nesse segmento, também vale destacar a retomada da indústria madeireira nos dois últimos anos da série. Com tais resultados, a indústria de transformação ampliou sua participação para 35% dos VFT do Oeste em 2018.

Serviços

Apesar de contar com alto grau de informalidade, o segundo setor mais expressivo no estado é o de serviços. A maior parte deles se concentram na Grande Florianópolis, que abriga a capital do estado, um grande polo universitário e conta com forte presença dos segmentos imobiliário e de turismo. Em seguida, aparece o Vale do Itajaí, com destaque para os segmentos de transporte e armazenagem. Entretanto, em todas as regiões os serviços têm participação crescente, particularmente nas atividades de alimentação, ensino e saúde.

Como consequência, esse setor foi o que mais gerou empregos formais no estado, tanto antes como depois da crise econômica. No período anterior à crise, o melhor desempenho foi verificado na Grande Florianópolis (8% ao ano), onde os serviços cresceram 10,8 p.p. em termos relativos. No mesmo período o setor também ampliou seu estoque de VFT à taxa anual de 6,8% no Oeste; 6,2% no Vale do Itajaí; 5,9% no Sul; 5% no Norte; e 3,5% na Serrana.

A participação do setor na Grande Florianópolis passou de 33,7%, em 2001, para 44,5% VFT, em 2014. Os principais segmentos responsáveis por essa expansão foram o das atividades profissionais técnicas e administrativas⁷ e de alimentação e alojamento, que no período representaram a geração de 54 mil e 43 mil VFT, respectivamente. O ensino contribuiu com outros 15 mil vínculos formais de trabalho.

Os serviços também apresentaram grande concentração no Oeste. Lá ampliaram sua participação em 3,6 p.p. até 2014. O destaque foi o segmento de transporte de cargas, muito vinculado ao complexo agroindustrial. Junto com as atividades de armazenamento, esse segmento também foi importante para o crescimento no Vale do Itajaí, em função de seu complexo portuário-logístico. A ampliação dos serviços dessas duas regiões pode estar relacionada com o aumento das exportações de produtos primários, que se deslocam do Oeste em direção à região portuária de Itajaí.

Embora a taxas menores, os transportes ainda cresceram no Sul e no Norte, locais que também contam com áreas portuárias. Na primeira dessas regiões, o crescimento dos serviços foi auxiliado pelas atividades profissionais técnicas e administrativas, enquanto que na segunda, por alimentação e alojamento. Nenhum segmento de serviços se destacou na região Serrana, que apresentou o menor crescimento do período.

Se é certo que os serviços foram os principais responsáveis pela concentração dos empregos formais na Grande Florianópolis até 2014, o mesmo pode ser dito sobre sua estagnação a partir de 2015, uma vez que a região foi a única em que esse setor acumulou queda entre 2014 e 2018 (-0,7% ao ano). A contração da renda das famílias e o crescimento das ocupações informais, em especial, resultaram num saldo de -8 mil VFT somente no segmento de alimentação e alojamento nesse período. O crescimento do emprego formal nos ramos da

⁷ Esse subsetor é composto por um conjunto bastante heterogêneo de atividades, dentre as quais podemos destacar os serviços condominiais, de vigilância e segurança privada, contabilidade, engenharia, recursos humanos, teleatendimento e apoio administrativo.

educação e da saúde, em especial, permitiu que o setor mantivesse sua participação na região em 44,8% ao final da série.

No Oeste, os serviços também não apresentaram bom desempenho nos últimos anos, de modo que seu crescimento foi de apenas 0,8% ao ano entre 2014 e 2018. Nas demais regiões, o setor foi o que mais gerou empregos, particularmente a partir de 2017. Seu crescimento anual entre 2014 e 2018 foi de 2,6% no Vale do Itajaí; 2,1% no Norte; 1,4% no Sul; e 1,2% na Serrana.

Nesse período, os serviços continuaram se expandindo no Vale do Itajaí, que acumulou saldo de 19 mil VFT no setor. Esse crescimento foi sustentado, sobretudo, pelas atividades profissionais técnicas e administrativas, ensino e alimentação. Em 2018, a participação do setor no agregado regional chegou aos 30,7%, patamar muito próximo ao da indústria de transformação.

Processo semelhante ocorreu no Norte, onde os serviços já atingiram 30,7% dos VFT no último ano da série. Nessa região, o setor de serviços apresentou forte retomada a partir de 2017, com crescimento acelerado nas atividades profissionais técnicas e administrativas e dos ramos de educação e saúde. Apesar do crescimento menor, a participação dos serviços também cresceu no Sul e na Serrana, chegando a abranger, respectivamente, 27,9% e 26% dos VFT em 2018.

Comércio

O período de progressiva formalização do emprego no estado coincidiu com o crescimento da participação do comércio no estoque de VFT do estado. Entre 2001 e 2014 o crescimento do setor ficou ao redor de 6% ao ano em todas as mesorregiões. Em termos relativos, o setor ganhou importância principalmente no Sul e na Serrana. Na primeira região, a participação chegou a 23,3% em 2014, enquanto que na segunda atingiu 22,3% dos VFT.

Com a ampliação do consumo das famílias, houve um predomínio geral do crescimento do comércio varejista, com destaque para os supermercados e demais lojas não-especializadas, além de uma participação expressiva do comércio atacadista. O crescimento deste segmento foi puxado pelo Vale do Itajaí, que concentra cerca de $\frac{1}{3}$ de seus VFT, muito em função do comércio externo via Portos de Itajaí e Navegantes.

De um modo geral, o emprego no comércio é muito sensível a variações da renda. Com efeito, o setor foi um dos que mais sentiu os impactos da crise em seus primeiros anos. O setor acumulou saldos negativos em quase todas as regiões entre

2014 e 2018. O pior desempenho foi observado justamente na região com a menor renda per capita do estado, ou seja, a Serrana. Nessa região, o estoque dos VFT no comércio variou -1,3% ao ano, o que representou uma queda de 0,9 p.p. do setor no agregado regional. Desde o início da crise, o setor também encerrou vínculos formais no Oeste (-0,3% ao ano) e no Sul (-0,1% ao ano).

A consistente retomada do emprego com carteira no comércio nas regiões do Norte e Vale do Itajaí a partir de 2017 compensou o déficit ocasionado pela crise nessas regiões, resultando num saldo praticamente nulo para ambas no período 2014-2018. Nesse período, os VFT do comércio cresceram 0,4% ao ano na Grande Florianópolis, onde a recuperação foi mais rápida. Para que isso ocorresse, foi decisivo o maior nível de renda média da região, bem como a expansão dos oligopólios comerciais que ela sedia. Com isso, quando somados, comércio e serviços já representavam $\frac{2}{3}$ de todos os VFT dessa região ao final da série.

Administração pública

No início do século, a Grande Florianópolis concentrava cerca da metade dos empregos estaduais na administração pública. Desde então, esse setor cresceu de forma mais acentuada nas demais regiões, ao mesmo tempo em que os empregos se diversificaram na mesorregião que abriga a capital catarinense. Apesar disso, a Grande Florianópolis ainda concentrava aproximadamente 40% desses empregos nos últimos anos da série.

Entre 2001 a 2014 a participação do setor no estoque de VFT da Grande Florianópolis caiu de 34,3% para 21,4%. Nesse período, o crescimento do setor foi baixo na região, em média 1,4% ao ano. Nas demais regiões, esse crescimento anual foi mais intenso: 5,2% no Norte; 4,8% no Vale do Itajaí; 4,5% na Serrana; e 4,2% no Sul. No entanto, somente no Norte e na Serrana o ritmo atingido foi superior à média regional, implicando em expansão relativa.

Nos anos mais agudos da crise foram fechados cerca de 8 mil VFT na administração pública na Grande Florianópolis. A maioria desses empregos foi recuperado nos anos seguintes, de modo que o setor manteve sua participação relativa na região. Guardadas as proporções, processos semelhantes ocorreram no Sul, na Serrana e no Norte, que acumularam saldos praticamente nulos entre 2014 e 2018. A região onde o setor mais ganhou participação nesse período foi o Vale do Itajaí, devido à geração de cerca de 4 mil VFT. No sentido inverso, o Oeste

apresentou o pior desempenho, particularmente em função dos 1,7 mil VFT fechados na administração pública da região em 2018.

Construção civil

A reduzida participação da construção civil no total dos empregos formais do estado é uma expressão do baixíssimo grau de formalização que caracteriza esse setor⁸. Apesar disso, antes da crise atingir o estado a construção civil registrou as maiores taxas de crescimento do emprego formal dentre todos os setores, em praticamente todas as regiões. Esse desempenho foi comandado, sobretudo, pela construção residencial, impulsionada por programas habitacionais com incentivo do governo federal.

Desde o início do século o setor se concentrou ainda mais no Vale do Itajaí. O estoque de VFT da construção civil na região saltou de aproximadamente 8 mil para 29 mil entre 2001 e 2014, um aumento de 12,2% ao ano, ou 267% no acumulado. Assim, o setor chegou a abranger 5% dos VFT do Vale do Itajaí em 2014. A segunda maior expansão foi registrada no Norte (9,7% ao ano), seguido pelo Oeste (8,1% ao ano) e pela Grande Florianópolis (7,2% ao ano). As únicas regiões onde o avanço da construção civil não foi tão expressivo foram a Serrana (5,6% ao ano) e o Sul (5,8% ao ano), o que pode estar relacionado com o menor crescimento dos centros urbanos dessas regiões.

A partir de 2015, há uma queda intensa do número de empregados no segmento de construção de edifícios, que se dispersa por todas as regiões do estado. Essa queda se agravou com a grande redução no orçamento do Programa Minha Casa, Minha Vida a partir de 2016. Nesse processo, a região mais afetada foi a Grande Florianópolis, onde a participação do setor caiu de 5,5% para 4,2% entre 2014 e 2018, com a perda de 7 mil VFT. A crise da construção civil também teve impacto muito significativo para a dinâmica interna da região Serrana, onde o estoque de VFT do setor caiu cerca de 40% desde 2014. Além disso, tanto no Vale do Itajaí, quanto no Sul e no Oeste, a queda da participação do setor no agregado regional chegou aos 0,9 p.p. no período. No Norte, mesmo sendo a região onde o setor é menos significativo internamente, essa queda foi de 0,5 p.p.

2.1.6. Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca

⁸ Nos últimos anos, os empregados com carteira representaram algo em torno de $\frac{1}{3}$ das ocupações do setor (PNADC/T, 2020).

As atividades de agropecuária, extração vegetal, caça e pesca dispõem do menor grau de formalização das ocupações dentre todos os setores. Em Santa Catarina, essa informalidade é particularmente alta em função da forte presença da agricultura familiar, que faz com que o setor concentre suas ocupações entre autônomos e trabalhadores familiares auxiliares⁹.

O Oeste representa aproximadamente 40% dos VFT estaduais do setor, enquanto a Serrana responde por outros 25%. Nessas duas regiões, entre 2001 e 2014 o crescimento foi baixo (1,6% e 1,2% ao ano, respectivamente). Em grande parte, isso se deve à perda de VFT na produção de lavouras permanentes. O efeito foi uma queda de 2,2 p.p. do setor no agregado do Oeste, e 3,2 p.p. da Serrana. Essa queda foi de 1 p.p. no Sul; 0,7 p.p. na Grande Florianópolis; e 0,5 p.p. no Vale do Itajaí. Somente no Norte o setor não perdeu espaço no período. Embora tenha se mantido com apenas 1,5% de seus VFT, essa região foi onde o setor mais cresceu (4,6% ao ano). Esse desempenho se deve quase exclusivamente à formalização dos empregos na pecuária de Itaiópolis.

A maioria desses empregos gerados no Norte foi revertida nos anos seguintes, fazendo o setor ceder 9% ao ano entre 2014 e 2018. O fechamento de estabelecimentos pecuários também explica porque o número de VFT do setor na Grande Florianópolis caiu para menos da metade a partir de 2015. Ainda assim, a maior queda do período foi a do Oeste, que perdeu 1,8 mil VFT, novamente nas lavouras permanentes. Em função da pesca, o Vale do Itajaí e o Sul também fecharam em baixa. A única região onde o setor cresceu após 2014 foi na Serrana, com cerca de 800 VFT gerados na produção florestal.

Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP)

Entre 2001 e 2014 somente no Norte o estoque de VFT nos SIUP cresceu acima da média regional (7,1% ao ano). O saldo foi positivo nas demais regiões, porém com perdas relativas para o setor.

A partir de 2015 o número de VFT do setor manteve-se estável em praticamente todas as regiões, com leve desvantagem para o Oeste e vantagem para a Grande Florianópolis e para o Sul. Nessa última região os SIUP registraram aumento em 718 VFT entre 2014 e 2018, com destaque para as atividades de coleta

⁹ Segundo os dados da PNADC/T (2020), em 2018 essas duas categorias concentraram quase 80% das ocupações do setor no estado. Em contraste, a participação dos empregados formais girou em torno dos 13%.

e tratamento de resíduos. Em 2018 os SIUP representaram apenas 0,9% dos VFT do estado, dos quais cerca de 30% estiveram concentrados na Grande Florianópolis.

Extração mineral

Ao contrário do que ocorre em outras regiões importantes do país, a extração mineral não é tão significativa em Santa Catarina, sobretudo após a desestruturação do polo carbonífero de Criciúma. Ainda assim, cerca da metade dos VFT do setor no estado seguem concentrados nas atividades de extração de carvão mineral, que é realizada apenas na região Sul.

O emprego formal na extração mineral no Sul cresceu à taxa anual de 2,6% entre 2001 e 2014, e -6,3% deste ano até 2018. Dessa forma, a participação do setor caiu de 2,4% para 1,4% ao longo da série. Nas demais regiões, a dinâmica do setor resume-se, basicamente, às atividades de extração de pedra, areia, argila e outros minerais não-metálicos. Os VFT nesse segmento cresceram em ritmo semelhante à média estadual até 2014. Com a crise, as demissões foram mais significativas no Vale do Itajaí e no Oeste.

Sexo

Tal qual ocorreu no restante do país, em Santa Catarina também houve uma grande inserção das mulheres no mercado formal de trabalho ao longo das últimas décadas (SST/SC, 2012). Seguindo essa tendência, a participação das mulheres no total dos VFT cresceu de forma consistente entre 2001 e 2014, passando de 38,3% para 45,1% (Tabela 4). Embora a concentração do emprego nos setores de serviços e no comércio tenha sido preponderante, os demais setores também foram importantes nesse processo.

Tabela 4 – Distribuição dos VFT por mesorregião e sexo. Santa Catarina (2001, 2014 e 2018)

		2001		2014		2018		Taxa a. a.	
		Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)	(2001-2014)	(2014-2018)
Oeste	<i>Homens</i>	123.226	64,9	212.392	56,0	214.563	56,2	4,2	0,2
Catarinense	<i>Mulheres</i>	66.664	35,1	167.154	44,0	166.898	43,8	6,9	0,0
Norte	<i>Homens</i>	150.429	65,3	241.299	55,6	240.677	55,4	3,6	-0,1
Catarinense	<i>Mulheres</i>	79.885	34,7	192.558	44,4	193.584	44,6	6,8	0,1
Serrana	<i>Homens</i>	41.254	69,7	58.532	58,3	57.238	57,9	2,3	-0,6
	<i>Mulheres</i>	17.968	30,3	41.823	41,7	41.690	42,1	6,3	-0,2
Vale do Itajaí	<i>Homens</i>	168.197	58,3	319.682	54,6	314.593	53,8	5,1	-0,3
	<i>Mulheres</i>	120.285	41,7	265.431	45,4	270.135	46,2	6,4	0,5
Grande Florianópolis	<i>Homens</i>	138.958	57,5	259.332	52,3	256.859	53,2	4,9	-0,2
	<i>Mulheres</i>	102.791	42,5	236.060	47,7	225.791	46,8	6,5	-1,0
Sul	<i>Homens</i>	91.147	62,4	156.711	56,0	151.437	55,5	4,4	-0,9

Catarinense	<i>Mulheres</i>	54.908	37,6	122.959	44,0	121.453	44,5	6,5	-0,3
	<i>Homens</i>	713.211	61,7	1.247.948	54,9	1.235.367	54,8	4,4	-0,3
Total	<i>Mulheres</i>	442.501	38,3	1.025.985	45,1	1.019.551	45,2	6,6	-0,1

Fonte: Rais (2019); Elaboração própria.

No período anterior à crise, a maior redução da desigualdade distributiva dos VFT entre homens e mulheres ocorreu na região Serrana, onde a participação feminina subiu de 30,3%, em 2001, para 41,7%, em 2014. Para tanto, foi determinante não apenas a baixa inserção inicial das mulheres no mercado de trabalho serrano, mas também o maior crescimento relativo do comércio. Além disso, as mulheres também ampliaram sua participação em setores industriais importantes na região, como nos segmentos madeireiro e de papel e celulose.

A segunda região onde a participação feminina mais aumentou no período foi o Norte. Com crescimento de 6,8% ao ano, as mulheres passaram a representar 44,4% dos VFT da região em 2014. Nesse caso, o crescimento relativo do comércio também foi predominante, mas contou com contribuições decisivas de outros segmentos. O período marcou uma mudança significativa na composição dos VFT do complexo eletro-metal-mecânico da região, que passou a incorporar grande volume de operárias. Outros vetores de inserção das mulheres foram a administração pública e os serviços, como os de alimentação e alojamento.

O Oeste registrou crescimento de 8,9 p.p. na participação feminina entre 2001 e 2014. Esse desempenho se deve em grande medida à proletarização de mulheres na indústria alimentícia. O estoque de VFT femininos cresceu 6,9% ao ano no período. Ainda assim, a participação das mulheres no agregado regional foi de apenas 44% em 2014.

No Sul e na Grande Florianópolis, os VFT femininos cresceram a taxas semelhantes à média da participação das mulheres no estado, o que lhes rendeu um avanço relativo de 6,4 e 5,1 p.p., respectivamente. Nessas regiões, o destaque foi a incorporação de mulheres nas atividades profissionais técnicas e administrativas. Ainda que as mulheres tenham chegado a 45,4% dos VFT do Vale do Itajaí em 2014, foi nessa região que ocorreu um crescimento mais modesto. Isso se deve, principalmente, à desaceleração da indústria têxtil, segmento que tradicionalmente ocupa maior parcela de mão-de-obra feminina.

O avanço da subutilização da força de trabalho limitou o acesso das mulheres ao mercado formal de trabalho a partir de 2015. Desde então, o avanço da

participação feminina sobre os empregos formais entrou em desaceleração, passando inclusive a cair em algumas regiões.

O caso mais grave ocorreu justamente na Grande Florianópolis, que contou com a maior participação das mulheres ao longo de toda a série. Essa participação caiu 0,9 p.p. na região entre 2014 e 2018, em função da variação anual de -1% dos VFT femininos, e de -0,2% dos masculinos. O principal fator explicativo dessa queda foi o grande número de mulheres demitidas no segmento de alimentação e alojamento. Outra região onde a desigualdade distributiva aumentou no período foi o Oeste, onde somente os VFT masculinos acumularam crescimento positivo (0,2% ao ano) desde 2015. O número de mulheres empregadas, por outro lado, acumulou retração, sobretudo no comércio varejista.

A crise levou a uma queda mais intensa nos VFT masculinos especialmente no Vale do Itajaí, uma vez que o estoque de empregos ocupados por homens se reduziu em 0,2% ao ano entre 2014 e 2018, enquanto o das mulheres aumentou 0,5% ao ano. Enquanto os homens foram os principais afetados pela redução do emprego industrial, as mulheres formaram a maioria dos contratados quando da retomada do setor de serviços. Em menor grau, o mesmo vale para o Sul e para a Serrana, com a diferença de que nessas regiões tanto as mulheres quanto os homens acumularam queda no emprego. A variação anual no estoque de VFT masculinos foi de -0,9% no Sul e de -0,6% na Serrana. Essas taxas foram de -0,3% e -0,2% para as mulheres, respectivamente. Por fim, no Norte houve pequeno crescimento no número de VFT femininos (0,1% ao ano) e retração (-0,1% ao ano) entre os homens.

Ao final da série, os homens ocupavam 53,2% dos VFT da Grande Florianópolis, 53,8% do Vale do Itajaí, 55,4% do Norte e 55,5% do Sul. Os maiores índices de participação masculina seguiram sendo os do Oeste, com 56,2%, e da Serrana, com 57,9% dos VFT.

Remuneração

Ao longo de todo o período anterior à incidência da crise econômica, o mercado de trabalho catarinense passou por um processo ambíguo de valorização do salário mínimo real, associado à concentração dos empregos formais nas menores faixas de remuneração (MATTEI; HEINEN, 2018).

De acordo com a Tabela 5, o Salário Mínimo (SM) teve valorização real de 5,9% ao ano entre 2001 e 2014. No mesmo período, a remuneração média dos VFT

em Santa Catarina passou de 3,8 para 2,8 SM. Ainda assim, seus salários médios reais subiram 2,35% ao ano. A preços de 2020, esse valor passou de cerca de 2 mil reais em 2001, para aproximadamente 2,7 mil reais em 2014.

Ao longo desse período, a maior valorização real na remuneração média dos VFT foi registrada no Oeste, com 2,74% ao ano. Essa valorização anual também foi superior à média do estado no Vale do Itajaí (2,67%), na Serrana (2,65%) e no Sul (2,47%). Os crescimentos mais modestos foram observados nas regiões com rendas médias maiores, como são os casos da Grande Florianópolis e no Norte, cujas valorizações foram de 2,02% e 1,91% ao ano, respectivamente.

A abrupta retração do PIB a partir de 2015 reduziu a base de cálculo do reajuste do SM, o qual cresceu apenas 1,47% ao ano entre 2015 e 2018, a preços de 2020. Em compasso com essa redução, o valor médio recebido nos VFT catarinenses também apresentou baixo crescimento, de 1,09% ao ano.

Tabela 5 – Remuneração média dos VFT em SM e R\$. Santa Catarina e mesorregiões (2001, 2014 e 2018)

	2001		2014		2018		Var. a. a. (%)	
	Média (SM)	Valor em R\$	Média (SM)	Valor em R\$	Média (SM)	Valor em R\$	(2001-2014)	(2014-2018)
<i>Oeste Catarinense</i>	3,0	1.617,54	2,3	2.194,35	2,4	2.368,95	2,74	1,99
<i>Norte Catarinense</i>	4,0	2.149,68	2,8	2.683,21	2,7	2.723,18	1,91	0,37
<i>Serrana</i>	2,9	1.555,86	2,2	2.092,26	2,2	2.188,42	2,65	1,15
<i>Vale do Itajaí</i>	3,4	1.845,46	2,6	2.486,55	2,6	2.568,31	2,67	0,82
<i>Grande Florianópolis</i>	5,3	2.842,47	3,8	3.590,57	3,8	3.809,15	2,02	1,52
<i>Sul Catarinense</i>	3,2	1.706,94	2,4	2.256,05	2,3	2.346,30	2,47	1,00
<i>- Santa Catarina</i>	3,8	2.044,84	2,8	2.670,07	2,8	2.786,47	2,35	1,09
Salário mínimo real		535,99		947,12		1.002,64	5,90	1,47

Fonte: Rais (2019) e IPEADData (2020); Elaboração própria.

Nota: Salário mínimo real considerado como o valor vigente em dezembro de cada ano, a preços de 2020.

As regiões onde a valorização salarial foi mais comprimida entre 2015 e 2018 foram o Norte (0,37% ao ano) e o Vale do Itajaí (0,82% ao ano). Em grande medida, esse resultado se deve à forma como a indústria de transformação respondeu à crise nessas regiões. Como contava com salários acima da média regional, o setor contribuiu para a queda dos rendimentos médios ao demitir um grande volume de operários nos primeiros anos da crise. As contratações do período, por outro lado, ocorreram nas faixas salariais mais baixas, principalmente nos anos em que o desemprego se situava em patamares mais elevados.

No sentido inverso, a dinâmica da indústria de transformação também foi preponderante para a retomada dos rendimentos no Oeste, região que registrou aumento de cerca de 2% em sua média salarial. Além do Oeste, somente a Grande Florianópolis apresentou valorização consideravelmente acima da média estadual (1,52% ao ano). Com menor dinamismo interno, tanto a Serrana como a Sul ficaram próximos dessa média.

Com isso, a Grande Florianópolis seguiu com o maior salário médio do estado, atingindo aproximadamente R\$ 3,8 mil em 2018. Em seguida, permaneceram o Norte (R\$ 2,7 mil) e o Vale do Itajaí (R\$ 2,6 mil). A principal mudança do período foi que o Oeste (R\$ 2,4 mil) assumiu a quarta colocação, antes ocupada pelo Sul (R\$ 2,3 mil). As menores remunerações do estado seguem concentradas na Serrana, onde o salário médio não ultrapassou os R\$ 2,2 mil no ano final da série.

Considerações finais

No período anterior à crise econômica (2001 a 2014), o crescimento do emprego formal em Santa Catarina foi generalizado, com destaque para as mesorregiões do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis. Esse desempenho esteve aliado ao crescimento econômico dessas regiões, que concentram a maior parte do comércio, dos serviços e da construção civil do estado. Com estrutura produtiva mais centrada em setores que perderam espaço com a continuidade do processo de desindustrialização, o Norte Catarinense também ampliou seu estoque de vínculos formais, porém reduzindo sua participação no agregado estadual.

A crise econômica que se consolidou em 2015 provocou um fechamento massivo de postos formais de trabalho. Nos primeiros anos, as regiões industriais do Norte e do Sul, mas também a Grande Florianópolis, foram as mais afetadas. O ritmo da retomada do emprego formal foi muito heterogêneo entre as regiões. A partir de 2017, as mesorregiões Norte, Vale do Itajaí e Oeste apresentam retomadas consistentes do emprego formal, contando com importante impulso do mercado externo. A retomada foi mais tardia na Grande Florianópolis e ainda apresenta ritmo mais lento nas regiões Sul e Serrana.

Desde o início do século, houve uma redução na desigualdade da distribuição do emprego formal entre homens e mulheres em todas as mesorregiões. Em geral, esse movimento foi mais intenso onde a formalização do emprego no comércio foi mais significativa, como nas mesorregiões Norte e Serrana. Ainda assim, esta última

região segue com os piores índices de inserção feminina no mercado formal de trabalho, enquanto a Grande Florianópolis segue sendo a menos desigual.

Santa Catarina passou por um processo ambíguo de valorização do salário mínimo e concentração do emprego formal nas faixas de menor remuneração até 2014. Em termos reais, as maiores valorizações salariais foram as do Oeste, da Serrana e do Vale do Itajaí. O crescimento da renda foi menor principalmente onde os salários já eram mais elevados, como nos casos do Norte e da Grande Florianópolis. Com a crise e a posterior retomada, os postos formais de trabalho melhor remunerados foram substituídos por outros, localizados nas menores faixas de remuneração. Esse processo foi mais severo nas regiões industriais do Norte e do Vale do Itajaí, onde a retomada do emprego formal mal repôs a queda nos rendimentos médios observados no período mais agudo da crise econômica.

Em que pese esse nivelamento por baixo, a disparidade de renda no estado segue muito elevada. Enquanto na Grande Florianópolis o salário médio ficou próximo dos R\$ 3,8 mil em 2018, na região serrana esse valor não passou dos R\$ 2,2 mil.

REFERÊNCIAS

- BALTAR, Paulo. Política econômica, emprego e política de emprego no Brasil. **Estudos Avançados**. v. 28, n. 81, mai/ago 2014.
- CAVALIERI, H.; CARIO, S. A. F.; FERNANDES, R. L. Estrutura industrial brasileira e de Santa Catarina: alguns indícios de desindustrialização. In: **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 81-104, out-dez 2013.
- FACISC - Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina. **Relatório IPER-SC**, ref. 2018, abr-2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2tjM0tL>>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- IPEADATA. **Salário mínimo real**. 2020. Disponível em: <<http://bit.ly/2UiGQJs>>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- MATTEI, L.; LINS, H. N. Liberalização econômica e reestruturação produtiva: reflexos em Santa Catarina no limiar do novo século. In: _____ (Orgs.). **A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó/SC: Argos, 2010, p. 109-155.
- RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. **Programa de disseminação das estatísticas do trabalho**, 2018. Disponível em: <bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>. Acesso em: 28 set. 2018.
- MATTEI, L.; HEINEN, V. L. Análise da evolução do mercado formal de trabalho em Santa Catarina entre 2001 e 2016. **Revista NECAT**. v. 7, n. 13, jan/jun, 2018, p. 72-98.
- PNADC/T – **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral/ Microdados** [IBGE]. 2020. Disponível em: <sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 jan. 2020.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais [MTE]. 2019. Disponível em: <bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SCR – Sistema de Contas Regionais [IBGE]. 2019. Disponível em: <www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html?=&3Bt=downloads&t=o-que-e>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SST/SC - Secretaria de Estado da Assistência Social, Trabalho e Habitação de Santa Catarina. **Gênero e Trabalho em Santa Catarina:** dados sobre trabalhadores e trabalhadoras no Estado Catarinense. SST/SC: Florianópolis, 2012.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Lauro Mattei – Concepção, administração de projeto, supervisão, revisão e aprovação da versão final;
Vicente Loeblein Heinen – Coleta e análise de dados, elaboração do manuscrito, visualização.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Informar conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, possíveis vieses temáticos. Para mais informações: https://www.abcbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 12-06-2020

Aprovado em: 12-12-2020